

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-06-11

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Carrolino, A., Baptista, J. & Monteiro, L. (2023). Aceitação-rejeição materna, vinculação e exposição à adversidade precoce. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 89-110).: Sílabo.

Further information on publisher's website:

<https://www.almedina.net/criancas-em-risco-e-perigo-vol-6-contextos-investigacao-e-intervencao-1682072477.html>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Carrolino, A., Baptista, J. & Monteiro, L. (2023). Aceitação-rejeição materna, vinculação e exposição à adversidade precoce. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 89-110).: Sílabo.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

## **Aceitação-rejeição materna, vinculação e exposição à adversidade precoce**

Adriana Carrolino<sup>1</sup>

Mestre em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco, Iscte

Joana Baptista

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), CIS-Iscte, Lisboa, Portugal

Lígia Monteiro

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), CIS-Iscte, Lisboa, Portugal

---

<sup>1</sup> Todas as questões relativas ao presente trabalho devem ser enviadas para [Adriana\\_Jourdan@iscte-iul.pt](mailto:Adriana_Jourdan@iscte-iul.pt)

## Resumo

No âmbito da parentalidade, e numa perspetiva da Teoria da Vinculação, a aceitação-rejeição parental tem vindo a ser associada a um conjunto de consequências para o desenvolvimento do indivíduo, que podem persistir até à idade adulta. Dado o pouco conhecimento sobre este domínio dos comportamentos maternos, o presente estudo teve como objetivo explorar possíveis fatores preditores da aceitação-rejeição materna, nomeadamente a exposição a experiências de maus-tratos precoces e a perceção da qualidade das suas relações atuais. A amostra incluiu 56 mães, com filhos com idades compreendidas entre os seis e os 12 anos. As participantes preencheram um questionário sociodemográfico, a versão adaptada para o presente estudo do *Adverse Childhood Experiences – International Questionnaire*, a versão portuguesa da escala *A Experiência nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais*, e responderam, ainda, a uma entrevista: *Me & My Child: The Parental Acceptance-Rejection Scale*. Relativamente aos resultados, e ao contrário do esperado, a exposição a experiências adversas precoces e a perceção da qualidade das relações atuais das mães não se revelaram preditores da aceitação-rejeição materna. O maior risco socioeconómico da família emergiu, no entanto, como preditor de menor aceitação materna. Os resultados apresentados apontam para a importância de apoiar famílias em risco socioeconómico, como forma de prevenção de níveis reduzidos de aceitação parental e das consequências a si subjacentes para o funcionamento emocional e comportamental adaptado da criança e do adulto.

*Palavras-chave:* Aceitação-Rejeição Parental, Mau-trato Precoce, Vinculação, Risco Socioeconómico

## 1. Introdução

De acordo com a Teoria da Vinculação (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1988), o estabelecimento de uma relação calorosa, consistente e previsível com um (ou um número limitado de) cuidador(es) responsivo(s), que garantem a sobrevivência e segurança para a exploração e aquisição de competências, é fator crucial para o desenvolvimento social e emocional adaptado da criança. As relações de vinculação estabelecem-se a partir das interações repetidas que a criança mantém com o(s) seu(s) cuidador(es) e das respostas que este(s) oferece(m) perante os sinais e as comunicações da criança (Ainsworth, 1985; Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1988). Com base em observações naturalistas extensas, Ainsworth e a sua equipa descreveram aspetos chave do comportamento materno com impacto no estabelecimento e organização das relações de vinculação da criança: sensibilidade vs. insensibilidade aos sinais da criança, cooperação vs interferência no comportamento da criança, disponibilidade vs. indisponibilidade física e psicológica e aceitação vs rejeição parental (Ainsworth, 1969, 1985). Na literatura existente a dimensão mais explorada tem sido a sensibilidade, com reduzido foco na aceitação vs. rejeição parental, pouco se sabendo sobre os fatores que contribuem para este tipo de comportamentos maternos.

O nascimento de um bebé pode constituir-se como um acontecimento potencialmente ambivalente para a mãe, havendo aspetos positivos e outros desafiantes inerentes à maternidade. Entre os aspetos que podem ser percecionados como desafiantes, encontra-se a limitação da autonomia da mãe, o que pode conduzir a frustrações decorrentes da interação diária com a criança. No entanto, e em simultâneo, a criança evoca na sua mãe ternura, proteção e outras reações positivas (Ainsworth, 1969; Bell et al., 2019). Na formulação de Ainsworth (1969, 1985), a aceitação-rejeição materna refere-se à capacidade da mãe para integrar de forma adequada potenciais sentimentos de conflito, alcançando um equilíbrio entre os seus sentimentos negativos e positivos acerca da experiência. Assim, a aceitação parental caracteriza-se pela expressão frequente e espontânea de sentimentos positivos do cuidador face à criança (Ainsworth 1969,1985; Ildiz & Ayhan, 2020; Ramírez-Uclés et al., 2018). O

cuidador reconhece os interesses e o crescente desejo e necessidade da criança por autonomia, e compreende que, por vezes, a criança pode sentir-se frustrada ou irritada. O cuidador aceitante não vê os conflitos de interesses entre si e a criança como um desafio à sua autoridade, não demonstra mágoa ou ressentimento quando os interesses da criança diferem dos seus e potenciais sentimentos de irritação e frustração do cuidador que possam emergir não são dirigidos à criança (Ainsworth, 1969, 1985). O clima relacional é positivo, marcado por calor afetivo e por uma baixa probabilidade de haver hostilidade por parte do cuidador. Assim, a aceitação parental pode ser expressa física (e.g., abraços, beijos) ou verbalmente (e.g., elogios), refletindo afeto, conforto, suporte e preocupação do cuidador face à criança (Ildiz & Ayhan, 2020; Ramírez-Uclés et al., 2018; Rohner et al., 2012).

Quanto à rejeição parental, segundo Ainsworth (1969), esta pode manifestar-se em expressões negativas em relação à criança. Os cuidadores podem, abertamente, mencionar que desejavam que a sua criança nunca tivesse nascido, podem referir que consideram a criança uma interferência na sua vida ou o seu discurso pode ser marcado por queixas acerca de características da criança que percecionam como negativas e sobre os problemas que enfrentam quando lidam com a mesma. Quando o cuidador enfatiza constantemente os pontos negativos, em vez dos pontos positivos da criança e o deleite que é tê-la como filho/a, sugere uma tendência de rejeição. A rejeição pode ser expressa ao nível verbal ou comportamental, podendo caracterizar-se pelo frequente uso de comentários negativos (e.g., “não serves para nada”) ou por comportamentos constantes de oposição aos desejos e interesses da criança. O clima relacional é, assim, marcado por irritação, repreensão, punição e conflito, podendo o cuidador ignorar deliberadamente os desejos e necessidades da criança (Ainsworth, 1969, 1985; Ildiz & Ayhan, 2020; Ramírez-Uclés et al., 2018). Além disso, de acordo com Rohner e colaboradores (2012), a ausência de abraços ou beijos e a presença de comportamentos agressivos (e.g., pontapear, bater) podem ser indícios de um menor nível de aceitação parental. Para os autores, a rejeição parental pode caracterizar-se, também, pela indisponibilidade física e psicológica dos cuidadores, que não direcionam a sua atenção para as necessidades da criança.

A aceitação-rejeição parental é, nesta perspectiva, analisada num contínuo (Ainsworth, 1969; Rohner et al., 2012) indo desde a aceitação, carinho e ternura, que superam os sentimentos negativos, à rejeição, caracterizada por raiva, ressentimento, mágoa ou irritação, entrando em conflito com os sentimentos positivos e resultando num maior ou menor nível de rejeição parental.

### **1.1. Fatores explicativos da aceitação-rejeição parental**

A literatura tem focado primordialmente as percepções da aceitação-rejeição parental e o impacto daquela no bem-estar da criança, do adolescente e do adulto (e.g., Baker & Hoerger, 2012; Khaleque e Rohner, 2012; Ramirez-Uclés et al., 2018). Contudo, pouco se sabe acerca dos fatores preditores da aceitação-rejeição parental. Existem, no entanto, evidências (e.g., Huth-Bocks et al., 2014; Miranda et al., 2013) que sugerem que as experiências adversas precoces e a qualidade das relações de vinculação dos cuidadores podem contribuir para os comportamentos de aceitação-rejeição parental.

#### ***1.1.1. Experiências adversas precoces e a aceitação-rejeição parental***

Alguns autores (e.g., Miranda et al., 2013; Newcomb & Locke, 2001) têm sugerido que adultos com uma história de desenvolvimento marcada pela adversidade podem estar em risco de dificuldades na sua parentalidade, nomeadamente, ao nível de uma menor aceitação parental no contexto das interações com os seus filhos. Em particular, as experiências de maus-tratos na infância têm vindo a ser associadas a um risco acrescido de perpetuar, mais tarde, aquelas experiências com os/as próprios/as filhos/filhas. Os adultos tendem a ser menos responsivos e com maior probabilidade para adotarem práticas parentais punitivas, de abuso ou negligentes (Bert et al., 2009; Newcomb & Locke, 2001; Shlomo & Haim, 2016).

A título de exemplo, destacam-se alguns estudos relevantes que exploram as associações entre a exposição a mau-trato na infância e a menor aceitação parental. No estudo de McCullough e colegas (2014), onde participaram mães com filhos entre os oito e os 11 anos de idade, verificou-se que a exposição ao mau-trato emocional na infância, por parte das mães, se encontrava associada a

comportamentos maternos mais hostis e agressivos na interação com a criança. No mesmo sentido, Zalewski e colaboradores (2013) demonstraram que mães com uma história de abuso emocional na infância tendiam a demonstrar níveis mais reduzidos de aceitação para com os/as seus/suas filhos/filhas (entre sete e 18 anos). Miranda e colaboradores (2013) encontraram uma associação entre a maior exposição a diferentes experiências precoces de mau-trato (abuso sexual, abuso físico, negligência emocional) vivenciadas pelas mães e a menor qualidade da sua parentalidade, nomeadamente, ao nível da rejeição parental com os seus filhos entre os sete e os 18 anos de idade.

### ***1.1.2. Qualidade das relações de vinculação e a aceitação-rejeição parental***

De acordo com a Teoria da Vinculação, as experiências de vinculação que os indivíduos experienciam nos primeiros anos de vida têm impacto nas suas relações futuras, servindo de modelo de relação. Através das interações repetidas que estabelece com a figura de vinculação, a criança irá desenvolver um conjunto de crenças e expectativas, denominados de modelos internos dinâmicos (Bretherton, 1990, 1992; Bretherton & Munholland, 2008, 2016), que lhe permitem compreender e prever o comportamento da figura de vinculação, e planear as suas respostas atuais e futuras (Bowlby, 1973; Bretherton, 1990, 1992; Bretherton & Munholland, 2016). A criança irá construir um modelo de si, do *self* (sobre como é aceite e vista pela sua figura de vinculação) e um modelo do outro. Se a figura de vinculação responder de forma adequada às necessidades de conforto e proteção da criança, respeitando a sua necessidade de independência e exploração do ambiente, é expectável que a criança desenvolva um modelo interno dinâmico de si como sendo valorizada, amada e confiável, e da figura de vinculação como emocionalmente disponível. Contrariamente, se a figura de vinculação apresentar respostas rejeitantes face às pistas de conforto e exploração da criança, esta irá desenvolver um modelo interno dinâmico de si como não tendo valor e não sendo competente, e da figura de vinculação como rejeitante e não disponível (Bowlby, 1973; Bretherton, 1992). Uma vez consolidados, espera-se que os modelos internos dinâmicos permaneçam relativamente estáveis, apesar de abertos a revisão e

mudança, influenciando a qualidade das interações que o adulto vai estabelecer com os seus filhos (McFarland-Piazza et al., 2012; van IJzendoorn, 1995; Ward & Carlson, 1995).

Cuidadores cujas experiências na infância são relatadas de forma positiva e refletem uma relação de vinculação segura, tendem a interpretar e a responder de forma mais adequada e sensível aos sinais da criança, do que cuidadores cuja experiência de vinculação na infância se revela insegura (Crowell & Feldman, 1988; McFarland-Piazza et al., 2012; van IJzendoorn, 1995). As representações de vinculação, nomeadamente seguras, dos cuidadores têm sido ainda associadas a comportamentos parentais de maior envolvimento, mais flexíveis e de afeto positivo (Biringen et al., 2000; Huth-Bocks et al., 2014).

A qualidade das relações construídas na idade adulta, inclusivamente de vinculação, reveste-se igualmente de relevância, podendo atuar como um fator protetor na transmissão intergeracional do mau-trato, diminuindo o potencial impacto negativo da adversidade experienciada na infância (Schofield et al., 2013). A segurança da vinculação numa relação de intimidade está associada a comportamentos parentais mais sensíveis e menos intrusivos (Jones et al., 2015; Mills-Koonce et al., 2011; Oyen et al., 2000; Zvara et al., 2020). Quando percecionam a sua relação íntima como segura, os adultos tendem a responder de forma mais adequada às necessidades da criança, a demonstrar sentimentos positivos e de aceitação, maior envolvimento e estimulação, bem como, a ser menos controladores e a adotar menos comportamentos hostis (Kilmann et al., 2009; Zvara et al., 2020).

Especificamente, o estabelecimento de relações de vinculação inseguras na idade adulta tem vindo a ser associado a uma parentalidade mais negativa e abusiva (Cowan et al., 2019). Quando o adulto perceciona a sua relação romântica como insegura/evitante tende, também, a percecionar como menos segura a relação que o/a seu/sua filho/a tem consigo, o que, conseqüentemente, reflete uma menor capacidade para compreender o mundo interno da criança e responder de forma adequada às necessidades daquela (Borelli et al., 2017). O estabelecimento de relações de vinculação inseguras/evitantes na idade adulta está associado a comportamentos parentais menos sensíveis e



responsivos, de menor suporte e promoção do desenvolvimento da criança, sendo as interações marcadas por uma menor sincronia entre o cuidador e o/a filho/a (Berlin et al., 2011; Feeney & Collins, 2001; Rholes et al., 1995; Selcuk et al., 2010).

## **2. Objetivos e hipóteses do estudo**

Tendo em conta a revisão de literatura realizada, o presente estudo teve como objetivo contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca da aceitação-rejeição materna, analisando as associações entre as percepções sobre o mau-trato na infância, a percepção da qualidade das relações de vinculação na idade adulta e as descrições sobre aceitação-rejeição de mães com filhos entre os 6 e os 12 anos de idade. Espera-se que as experiências de mau-trato na infância expliquem níveis mais baixos de aceitação materna, e que a ansiedade e evitamento da vinculação nas relações atuais próximas sejam preditoras de níveis mais baixos de aceitação materna. A idade, o sexo da criança e o risco socioeconómico foram incluídos no presente estudo como variáveis de controlo, atendendo às associações descritas na literatura entre as mesmas e a parentalidade (e.g., Roubinov & Boyce, 2017; Vreeland et al., 2019; Waylen & Stewart-Brown, 2010). De acordo com a investigação, famílias em desvantagem socioeconómica tendem a estar expostas a desafios acrescidos à sua parentalidade, o que, por sua vez, pode associar-se a comportamentos parentais menos responsivos (Vreeland et al., 2019). Outros estudos têm sugerido que a qualidade das interações entre pais e filhos pode variar em função do sexo da criança, com dados da investigação a indicarem uma qualidade tendencialmente maior no caso de crianças do sexo feminino (Mascaro et al., 2017). Por fim, e apesar dos resultados da investigação serem misto, a idade da mãe parece estar associada a comportamentos parentais de menor qualidade, sendo as interações com as mães mais velhas caracterizadas por menor calor afetivo e suporte (Waylen & Stewart-Brown, 2010).

### 3. Método

#### 3.1. Participantes

Participaram 56 mães com filhos/as entre os 6 e os 12 anos de idade ( $M = 9.07$ ,  $DP = 1.77$ ), dos quais 53.6% eram do sexo masculino. As mães tinham, em média, 42.71 anos ( $DP = 5.12$ , 26-55). No que diz respeito ao seu estado civil, 62.5% eram casadas, 19.6% eram solteiras, 16.1% estavam separadas ou divorciadas e uma mãe era viúva (1.8%). Relativamente às suas habilitações literárias, a maioria concluiu um curso superior, sendo que 53.6% possuía um grau de licenciatura ou mestrado integrado, 17.9% possuía um grau de mestrado e duas mães (3.6%) concluíram o doutoramento. Das restantes, 23.2% tinha entre 10 a 12 anos de escolaridade e uma mãe (1.8%) tinha entre 7 a 9 anos de escolaridade. No que concerne à situação face ao emprego, 91% das mães estavam empregadas, 5.4% encontravam-se desempregadas e 3.6% não trabalhava por opção própria (cf. Quadro 1).

#### Quadro 1

##### *Informação Sociodemográfica*

	<i>M ± DP</i>	<i>n (%)</i>
<b>Mãe</b>		
Idade (anos)	42.71 ± 5.12	
Estado civil		
Casada		35 (62.5%)
Solteira		11 (19.6%)
Separada/Divorciada		9 (16.1%)
Viúva		1 (1.8%)
Habilitações literárias		
Doutoramento		2 (3.6%)
Mestrado		10 (17.9%)
Licenciatura/Mestrado Integrado		30 (53.6%)
10 a 12 anos de escolaridade		13 (23.2%)
7 a 9 anos de escolaridade		1 (1.8%)

Situação profissional		
Empregada		51 (91%)
Desempregada		3 (5.4%)
Não trabalha por opção própria		2 (3.6%)
<hr/>		
<b>Crianças</b>		
Sexo (% do sexo masculino)		30 (53.6%)
Idade (anos)	9.07 ± 1.77	
<hr/>		

## 3.2. Instrumentos

### 3.2.1. *Questionário sociodemográfico.*

Foi solicitado às mães o preenchimento de um conjunto de questões, visando a sua caracterização sociodemográfica. O questionário integra dados relativos ao nível académico (e.g., último nível de grau académico completo) e profissional (e.g., situação profissional atual) e idade da mãe, e ao agregado familiar (e.g., composição, rendimento mensal). Integra ainda questões sobre a idade e sexo do/a(s) filho/a(s) das participantes.

Com base nas respostas ao questionário sociodemográfico, foi criada uma variável composta de risco socioeconómico, que resultou do somatório dos seguintes quatro fatores de risco (cada um deles dicotomizados em 0 - sem presença de risco e 1 - presença de risco): (1) mãe com menos de 12 anos de escolaridade, (2) mãe solteira, divorciada ou viúva, (3) desempregada, e (4) rendimento mensal do agregado familiar situado abaixo do limiar de pobreza. O resultado final varia entre zero e quatro.

### 3.2.2. *Me & My Child: The Parental Acceptance-Rejection Scale* (Carrolino & Baptista, 2021).

A aceitação-rejeição parental foi avaliada através do instrumento *Me & My Child: The Parental Acceptance-Rejection Scale*, desenvolvido no âmbito do projeto mais vasto onde o presente estudo está inserido. Este sistema é composto por uma entrevista semiestruturada adaptada da entrevista *This Is My Baby Interview* (Bates & Dozier, 1998). A entrevista inclui seis questões, a partir das quais é solicitado aos cuidadores que descrevam a criança, que se descrevam a si próprios/as como mãe/pai, e

a sua relação com a criança. A escala de cotação varia entre 1 (Aceitação extremamente baixa) e 5 (Aceitação elevada), pelo que pontuações mais elevadas refletem um nível mais elevado de aceitação parental. A escala de cotação, para este estudo, foi desenvolvida com base na escala de cotação da entrevista *This Is My Baby Interview* (Bates & Dozier, 1998) e na escala de cotação de aceitação-rejeição de Mary Ainsworth (1969).

Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio para posterior transcrição e cotação, pelo que 26.79% das entrevistas foram cotadas por dois juízes independentes e cegos quanto aos dados das restantes medidas. O acordo interjuízes revelou-se elevado (ICC = .92). Os desacordos (atribuição de uma cotação diferente por cada juiz face a uma entrevista) foram resolvidos por consenso.

**3.2.3. *Adverse Childhood Experiences – International Questionnaire*** (ACE-IQ; World Health Organization, 2012).

O ACE-IQ é uma medida retrospectiva de autorrelato que pretende avaliar as experiências adversas na infância, destinando-se a sua aplicação a adultos a partir dos 18 anos de idade. A versão original avalia 13 tipos de adversidades que os adultos podem ter experienciado na sua infância (e.g., mau-trato emocional, mau-trato físico, violência familiar, negligência física), e é constituído por cinco grupos de questões, referentes ao casamento, aos pais/cuidadores, à família, a situações de abuso, e a situações de violência. No âmbito do presente estudo, foram selecionadas e utilizadas 14 questões do ACE-IQ por serem referentes às diferentes categorias de mau-trato na infância, alvo de interesse neste estudo, nomeadamente: 1) negligência física (3 itens; e.g., Item 1, “*Com que frequência os seus pais ou outros cuidadores não lhe davam comida suficiente, mesmo quando facilmente o podiam fazer?*”); 2) mau-trato emocional (2 itens; e.g., Item 4, “*Algum dos seus pais, cuidador, ou outra pessoa que vivesse na sua casa, gritou consigo, chamou-lhe nomes, insultou-o ou humilhou-o?*”); 3) mau-trato físico (2 itens; e.g., Item 6, “*Algum dos seus pais, cuidador, ou outra pessoa que vivesse na sua casa, o espancou, esbofeteou, pontapeou ou esmurrou?*”); 4) abuso sexual (4 itens; e.g., Item 8, “*Alguém lhe tocou ou o acariciou sexualmente quando não queria?*”); e 5) violência familiar (3 itens; e.g., Item

12, “Com que frequência viu ou ouviu, na sua casa, alguém gritar com, chamar nomes, insultar ou humilhar algum dos seus pais ou outra pessoa que lá vivesse?”). Cada item é cotado com base numa escala de resposta que varia entre 0 (Nunca) e 3 (Muitas vezes), pelo que se considera que o indivíduo esteve exposto a uma dada experiência adversa caso assinale 3 (Muitas vezes), 2 (Algumas vezes) ou 1 (Uma vez). Assim, cada item foi dicotomizado em 0 (Não – ausência de experiência adversa) e 1 (Sim – existência de experiência adversa). De seguida, por categoria, foi atribuído 1 (i.e., exposição à experiência de mau-trato) se o indivíduo esteve exposto a pelo menos uma experiência (i.e., pontuou 1 em pelo menos um item da categoria) ou 0 (pontuou 0 em todos os itens da categoria). Por fim, foi criado um compósito de risco cumulativo, através do somatório dos diferentes tipos de mau-trato, podendo o resultado final variar entre zero e cinco.

**3.2.4. A Experiência nas Relações Próximas – Estruturas Relacionais** (ERP-ER; Fraley et al., 2011; versão Portuguesa de Moreira et al., 2015).

Para avaliar a perceção da qualidade das relações, na idade adulta, foi administrada a escala ERP-ER, que permite a avaliação da ansiedade e o evitamento da vinculação. A dimensão da ansiedade relaciona-se com o grau de preocupação acerca de questões de vinculação, como a disponibilidade e responsividade de uma figura de vinculação. A dimensão do evitamento representa o grau em que o indivíduo se sente desconfortável em partilhar sentimentos, emoções e experiências com outros e em estar dependente dos mesmos. Deste modo, uma relação de vinculação segura tende a obter pontuações reduzidas nas duas dimensões (Fraley et al., 2011). No presente estudo utilizou-se a versão da escala que remete para as relações próximas em geral, neste caso, das mães que responderam ao questionário. A escala é composta por nove itens, distribuídos pelas subescalas de evitamento (6 itens; e.g., Item 1., “Ajuda-me poder contar com as pessoas em situações de necessidade.”) e ansiedade (3 itens; e.g., Item 8., “Tenho medo que as outras pessoas possam abandonar-me.”). A escala de resposta varia entre 1 (Discordo fortemente) e 7 (Concordo fortemente), em que valores mais elevados indicam um maior evitamento ou ansiedade nas relações de vinculação estabelecidas. A versão portuguesa do

questionário apresenta uma consistência interna excelente, sendo o valor de alfa *Cronbach* de .88 para a subescala de evitamento e de .91 para a subescala de ansiedade (Moreira et al., 2015). No presente estudo, obteve-se um alfa de *Cronbach* de .74 para a subescala de evitamento e de .89 para a subescala de ansiedade.

### **3.3. Procedimento**

O presente estudo está integrado num projeto de investigação mais vasto acerca da parentalidade de mães e pais expostos a experiências adversas precoces, e que foi aprovado pela Comissão de Ética do Iscte (parecer 79/2020). Inicialmente, procedeu-se à divulgação do projeto nas redes sociais, escolas e junto de associações de apoio e aconselhamento a adultos com histórias de adversidade na infância. Num primeiro momento, foi solicitado às mães o preenchimento online de um conjunto de questionários. De seguida, e até uma semana depois do preenchimento dos questionários, as mães foram contactadas para a realização da entrevista, por telefone. A todas as participantes foi solicitado um consentimento informado para o preenchimento dos questionários e outro para a administração da entrevista. No âmbito deste estudo, foram estabelecidos como critérios de inclusão ter uma idade mínima de 18 anos à data da participação, saber ler e escrever em português, e ser mãe de uma criança entre os seis e os 12 anos de idade.

### **3.4. Estratégia analítica**

Primeiramente, foi realizada a análise estatística descritiva relativamente à aceitação-rejeição parental, à exposição a experiências adversas precoces e à perceção da qualidade das relações de vinculação em geral na idade adulta. De seguida, analisaram-se as associações entre as variáveis principais em estudo e de controlo, e por fim, testou-se um modelo de regressão linear para analisar o possível papel preditor das experiências adversas precoces e da qualidade das relações de vinculação na idade adulta na aceitação-rejeição parental. Atendendo à natureza da amostra e do estudo, considerou-se o nível de significância  $p < .10$ .

## 4. Resultados

### 4.1. Estatísticas descritivas

Tal como se pode observar no Quadro 2, para a aceitação-rejeição parental, verificou-se que, em média, as mães relatam um nível moderado de aceitação face ao seu/sua filho/a ( $M = 3.73$ ,  $DP = 0.96$ , varia entre 1-5). Em média, as participantes relataram níveis reduzidos de evitamento ( $M = 3.13$ ,  $DP = 1.03$ ) e ansiedade ( $M = 3.26$ ,  $DP = 1.56$ ) nas suas relações próximas com os outros. No que concerne às experiências adversas precoces, salienta-se a exposição das participantes, em média, a 1.7 tipos de mau-trato ( $DP = 1.55$ , 0 a 5 categorias de mau-trato), com 69.6% das mães a relatar a exposição a pelo menos um tipo de mau-trato. Das 56 participantes do estudo, 30.4% relata nunca ter vivenciado qualquer experiência adversa, 21.4% reporta a exposição a um tipo de mau-trato, 16.1% refere a exposição a dois tipos de mau-trato e 17.9% realça a vivência de três tipos de mau-trato. Das restantes, 8.9% estiveram expostas a quatro tipos de mau-trato e 5.4% experienciou a totalidade dos tipos de mau-trato incluídos no estudo. Relativamente às experiências adversas na infância, o mau-trato emocional assume-se como o mais frequentemente reportado (51.8%), seguindo-se o mau-trato físico (39.3%), a violência familiar (37.5%), o abuso sexual (25%) e, por fim, a negligência física (16.1%).

#### Quadro 2

##### *Estatísticas descritivas*

	<i>N</i>	%
<b>Tipo de mau-trato</b>		
Mau-trato emocional	29	51.8%
Mau-trato físico	23	39.9%
Violência familiar	21	37.5%
Abuso sexual	15	25%
Negligência física	9	16.1%
<b>Mau-trato cumulativo</b>		

Sem exposição	17	30.4%		
Exposição a 1 tipo	12	21.4%		
Exposição a 2 tipos	9	16.1%		
Exposição a 3 tipos	10	17.9%		
Exposição a 4 tipos	5	8.9%		
Exposição a 5 tipos	3	5.4%		
	<b><i>M</i></b>	<b><i>DP</i></b>	<b>Min.</b>	<b>Max.</b>
Aceitação parental	3.73	0.96	1	5
Mau-trato cumulativo	1.7	1.55	0	5
Evitamento na vinculação	3.13	1.03	1	7
Ansiedade na vinculação	3.26	1.56	1	7

#### 4.2. Associações entre aceitação-rejeição parental e restantes variáveis do estudo

Relativamente à associação entre a exposição a experiências adversas precoces e a aceitação-rejeição parental, não foram observadas associações estatisticamente significativas, o mesmo se verificando entre a perceção de ansiedade e o evitamento da vinculação na idade adulta e a aceitação-rejeição parental.

Testaram-se, ainda, as associações entre variáveis sociodemográficas: a idade da mãe, a idade e o sexo da criança, o risco socioeconómico, e a aceitação-rejeição parental, não se verificando nenhuma associação estatisticamente significativa, com a exceção do risco socioeconómico que se encontra negativamente associado à aceitação-rejeição parental. Assim, mães expostas a maior risco socioeconómico evidenciaram níveis mais baixos de aceitação parental. Foi encontrada uma associação negativa entre a idade da mãe e a ansiedade da vinculação. Todos os resultados se encontram descritos no Quadro 3.



### Quadro 3

*Associações entre aceitação-rejeição parental, mau-trato cumulativo, qualidade da relação de vinculação na idade adulta, idade, sexo da criança e risco socioeconómico*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
1. Aceitação-rejeição parental							
2. Mau-trato cumulativo	.18						
3. Ansiedade da vinculação	.14	.22					
4. Evitamento da vinculação	.03	.21	.21				
5. Idade da mãe	-.11	-.26 <sup>+</sup>	-.31*	-.23 <sup>+</sup>			
6. Idade da criança	.09	-.03	.14	.07	.21		
7. Sexo da criança <sup>a</sup>	-.11	-.07	.06	.10	.06	.04	
8. Risco socioeconómico	-.28*	.20	.21	-.08	-.18	.09	.14

*Nota.* Correlações de coeficiente de Pearson. <sup>a</sup> Correlação de Ponto-bisserial. \* $p < .05$ , <sup>+</sup> $p < .10$ .

#### 4.3. Predição da aceitação-rejeição materna

Para analisar os possíveis preditores da aceitação-rejeição parental, recorreu-se a uma regressão linear hierárquica com dois blocos, apresentada no Quadro 4. No primeiro bloco, foi inserido o risco socioeconómico como variável de controlo, uma vez que o mesmo surgiu associado à aceitação-rejeição parental. No segundo bloco, foi introduzido o mau-trato cumulativo, e a ansiedade e o evitamento na relação de vinculação. O modelo final revelou-se estatisticamente significativo ( $F(4;51) = 2.602; p = .045$ ), explicando 17% da variância do nível de aceitação-rejeição parental. No primeiro bloco, o risco socioeconómico revelou-se um preditor significativo da aceitação-rejeição parental, em que um maior risco socioeconómico evidenciou estar associado a um menor nível de aceitação parental ( $\beta = -.28; p = .035$ ). No segundo bloco, o risco socioeconómico manteve-se como preditor da aceitação-rejeição parental ( $\beta = -.37; p = .007$ ). O mau-trato cumulativo revelou-se um preditor significativo da menor aceitação parental ( $\beta = .23; p = .098$ ). A ansiedade e evitamento da vinculação não emergiram como preditores da aceitação-rejeição parental.

#### Quadro 4

##### *Preditores da aceitação-rejeição parental*

	<b>B</b>	<b>SE</b>	<b><math>\beta</math></b>	<b><i>t</i></b>
<b>Bloco 1<sup>a</sup></b>	<b>R<sup>2</sup> = .08</b>	<b>R<sup>2</sup>(aj) = .06</b>		
Risco socioeconómico	-.27	.13	-.28	-2.17*
<b>Bloco 2<sup>b</sup></b>	<b>R<sup>2</sup> = .17</b>	<b>R<sup>2</sup>(aj) = .10</b>		
Risco socioeconómico	-.36	.13	-.37	-2.79*
Mau-trato cumulativo	.14	.08	.23	1.69 <sup>+</sup>
Ansiedade na vinculação	.12	.08	.19	1.39
Evitamento na vinculação	-.08	.13	-.09	-.65

Nota. <sup>a</sup> Modelo 1:  $F(1;56) = 4.689$ ;  $p = .035$ . <sup>b</sup> Modelo 2:  $F(4;51) = 2.602$ ;  $p = .045$ . \* $p < .05$ . <sup>+</sup> $p < .10$ .

#### 5. Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar possíveis preditores da aceitação-rejeição parental expressa pelas mães, nomeadamente: as experiências adversas precoces na infância das mães e a perceção da qualidade das suas relações de vinculação atuais. No presente estudo, nenhuma das hipóteses colocadas foi verificada, após controlo do possível efeito do risco socioeconómico.

Assim, nesta amostra, as experiências de mau-trato na infância emergiram como um preditor marginalmente significativo da aceitação-rejeição parental. A ausência de um resultado estatisticamente significativo pode ficar a dever-se ao reduzido tamanho da amostra do presente estudo e ao limitado poder estatístico. Desta forma, revela-se como pertinente a realização de estudos futuros de replicação com amostrar maiores. Este resultado pode ainda advir de outras explicações. A acumulação de experiências adversas *per se* poderá ser menos explicativa da aceitação-rejeição parental, face a outros aspetos como: a frequência, duração, ou idade do primeiro evento. A investigação tem vindo a identificar como preditores do ajustamento psicológico das vítimas de mau-trato fatores como a frequência do mau-trato, a idade em que o mesmo ocorreu pela primeira vez e a fase de desenvolvimento da criança na qual o mau-trato teve início. É sugerido que uma maior

frequência de exposição a eventos adversos, uma menor idade no primeiro evento e, por conseguinte, o evento ocorrer numa fase de desenvolvimento mais precoce, conferem maior risco para a emergência de problemas de ajustamento psicológico e de comportamentos menos adaptativos em crianças (e.g., English et al., 2005; Jackson et al., 2014; Keiley et al., 2001; Manly et al., 2001). Outros investigadores (Clemmons et al., 2007; Collishaw et al., 2007; Guyon-Harris et al., 2020; Kaplow & Widow, 2007) têm salientado que este impacto se pode prolongar para a vida adulta, uma vez que a severidade do mau-trato (avaliada através da intensidade, frequência, duração das experiências) tem sido associada ao desenvolvimento de sintomatologia traumática e psicopatológica, bem como a comportamentos parentais disruptivos (e.g., erros na comunicação afetiva). Sugere-se que a aceitação-rejeição parental pode ser explicada não pela exposição do cuidador a experiências de mau-trato na infância, mas pelas especificidades destas experiências, o que será importante explorar em estudos futuros.

A perceção da qualidade das relações de vinculação das mães, avaliadas no geral, também não se revelou preditor significativo do nível de aceitação-rejeição parental das mães analisadas. O instrumento utilizado para avaliar a perceção da qualidade das relações na idade adulta (escala ERP-ER, Moreira et al., 2015) não considera a desorganização/desorientação. A vinculação desorganizada tem vindo a ser associada a comportamentos parentais disruptivos e atípicos (Abrams et al., 2006; Goldberg et al., 2003; Jacobvitz et al., 2006; Madigan et al., 2006; Madigan et al., 2007), caracterizados por erros de comunicação afetiva, comportamentos assustadores/assustados e intrusivos e de confusão de papéis (Lyons-Ruth et al., 1999). Estes adultos podem, ainda, apresentar comportamentos agressivos, hostis e de retirada emocional nas suas interações próximas, o que poderá ser disfuncional e estar associado a emocionalidade negativa (McFarland-Piazza et al., 2012; Paetzold et al., 2015). Em estudos futuros há que considerar esta categoria da vinculação, mas também, considerar outro tipo de metodologia, como por exemplo a *Adult Attachment Interview* (AAI; George et al., 1985).

Outro aspeto a considerar, e que poderá contribuir para a explicação dos nossos resultados, é o facto de se ter avaliado a aceitação-rejeição parental em mães com crianças em idade escolar, dado

que Mary Ainsworth concetualizou a aceitação-rejeição parental recorrendo a mães de crianças pequenas, durante o primeiro ano de vida (Ainsworth, 1969). Sugere-se a possibilidade das mães, ao longo dos anos, terem já sido capazes de integrar e atingir um equilíbrio entre os seus sentimentos negativos e positivos face à criança. Sugere-se, ainda, que a fase de desenvolvimento das crianças consideradas no estudo, marcada por maior autonomia, possa ser um fator facilitador do processo de equilíbrio dos sentimentos negativos e positivos do cuidador.

O único preditor significativo no modelo testado foi o risco socioeconómico. Este resultado parece ser consistente com o modelo de stress familiar (Conger et al., 2010), que refere que a existência de dificuldades económicas pode resultar em maior pressão para as famílias, criando um ambiente potencialmente stressante e com impacto na saúde mental dos cuidadores. Esta, por sua vez, poderá ter uma influência negativa nas relações que os adultos estabelecem entre si e com a criança, resultando em comportamentos parentais mais hostis e menos sensíveis, e contribuindo para consequências negativas no desenvolvimento da criança (Conger et al., 2010; Emmen et al., 2013; Hardaway & Cornelius, 2014; Landers-Potts et al., 2015; Neppl et al., 2016; Newland et al., 2013; Nievar et al., 2014; Ponnet, 2014). Este estudo inovou ao sugerir o papel preditor do risco socioeconómico na aceitação-rejeição materna, relação pobremente explorada em estudos prévios. De um modo geral, a literatura encontra associações entre o risco socioeconómico e dificuldades na parentalidade, como comportamentos de menor sensibilidade e responsividade perante as comunicações da criança e, ainda, comportamentos parentais de retirada (e.g., evitamento e distanciamento da vida da criança) e negativos (e.g., tendência para responder de forma agressiva perante a criança). Este impacto é explicado pelas implicações noutras dimensões do funcionamento dos pais, como o stress e a saúde mental, e por aumentar o risco de as famílias entrarem em ciclos de exclusão social (Gonzales et al., 2011; Hoff & Laursen, 2019; Jeon & Neppl, 2019; Leinonen et al., 2003; Sullivan et al., 2021; Vreeland et al., 2019). No presente estudo, o stress parental e o bem-estar psicológico da mãe não foram avaliados, sugerindo-se a sua inclusão em estudos futuros, nomeadamente, testando-se o seu

papel potencialmente mediador na relação entre o risco socioeconómico e a aceitação-rejeição parental.

Importa ainda mencionar que a construção do sistema *Me & My Child: The Parental Acceptance-Rejection Scale* (Carrolino & Baptista, 2021) oferece um novo instrumento de avaliação da aceitação-rejeição parental, através da análise do discurso do cuidador. Os instrumentos de avaliação existentes tendem a ser retrospectivos, em que os adultos recordam as suas interações com os seus pais, ou avaliam a aceitação-rejeição parental através de questionários preenchidos pelas crianças, relativamente a determinados comportamentos dos pais. Assim, o presente estudo contribuiu para a disponibilização de um novo instrumento de avaliação da aceitação-rejeição parental, útil para contexto de apoio à família e parentalidade.

### **5.1. Limitações do estudo e sugestões de investigação futura**

Não obstante a relevância do presente estudo, importa referir algumas limitações. Primeiramente, salienta-se o reduzido número de participantes que limita o poder estatístico das análises realizadas. Teria sido igualmente importante avaliar experiências posteriores dos cuidadores que possam ter tido impacto positivo, nomeadamente o suporte social, funcionando como fatores protetores no impacto da adversidade precoce na aceitação-rejeição materna.

Como sugestões para trabalhos futuros seria importante analisar a intergeracionalidade da aceitação-rejeição parental, explorando-se as perceções dos cuidadores acerca da aceitação-rejeição parental dos seus pais, e fatores de risco e proteção envolvidos naquela transmissão. A verificar-se a transmissão intergeracional da aceitação-rejeição parental, seria possível delinear estratégias de intervenção e prevenção em famílias com risco acrescido de evidenciarem níveis mais reduzidos de aceitação parental. Do ponto de vista metodológico, sugere-se a utilização de uma abordagem multi-método e multi-informante, recorrendo a diferentes atores na vida da criança de forma a considerar diferentes perceções e o seu papel, bem como a diferentes métodos de avaliação da aceitação-rejeição parental, incluindo observação das interações mãe-criança. Permanecem, ainda, por explorar a

aceitação-rejeição parental em pais, não existindo estudos que analisam estas relações simultaneamente em mães e pais.

## **5.2. Implicações para a prática**

Os resultados obtidos reforçam a importância de providenciar suporte à parentalidade, com particular relevância para as famílias em desvantagem socioeconómica, revestindo-se de implicações práticas para os serviços de proteção de crianças e jovens em risco e demais profissionais, bem como para suportar as políticas de apoio às famílias. Os resultados do presente estudo reforçam o que tem vindo a ser defendido: a avaliação dos fatores de risco e proteção da família devem concentrar-se nos que são resultantes das interações estabelecidas entre os diferentes membros da família, mas também em fatores sociais e económicos, que podem influenciar a dinâmica familiar e respetivos comportamentos e estratégias parentais. Uma vez que a presença de fatores de risco socioeconómicos pode refletir-se em interações cuidador-criança menos adequadas, a intervenção atempada junto destas famílias, visando a diminuição daqueles fatores, poderá revelar-se benéfica para a sua parentalidade, incluindo a aceitação parental e, conseqüentemente, para a promoção de um desenvolvimento adaptado das crianças e jovens. Nesta linha, destaca-se investigação anterior, visando o estudo da eficácia de um programa de intervenção baseado na teoria da vinculação, que veio reforçar a premissa de que a promoção dos comportamentos parentais sensíveis e responsivos pode exercer efeitos positivos no desenvolvimento da criança e no funcionamento da família, particularmente junto de famílias em situação de pobreza e expostas a elevados níveis de stress, em Portugal (Negrão et al., 2013).

## **Referências**

Abrams, K., Rifkin, A., & Hesse, E. (2006). Examining the role of parental frightened/frightening subtypes in predicting disorganized attachment within a brief observational procedure. *Development and Psychopathology*, *18*(2), 345-361.  
<https://doi.org/10.1017/S0954579406060184>

- Ainsworth, M. S. (1969). *Maternal Sensitivity Scales*.  
[http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/ainsworth\\_scales.html](http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/measures/content/ainsworth_scales.html)
- Ainsworth, M. S. (1985). Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771-791.
- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Psychology Press.
- Ammaniti, M., Nicolais, G., & Speranza, A. M. (2004). Trauma and attachment: An investigation in abusive parenting. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 6(4), 9-22.
- Baker, C. N., & Hoerger, M. (2012). Parental child-rearing strategies influence self-regulation, socio-emotional adjustment, and psychopathology in early adulthood: Evidence from a retrospective cohort study. *Personality and Individual Differences*, 52(7), 800-805.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.034>
- Bell, A.F., Rubin, L.H., Davis, J.M., Golding, J., Adejumo, O.A., & Carter, C.S. (2019). The birth experience and subsequent maternal caregiving attitudes and behavior: a birth cohort study. *Archives of Women's Mental Health*, 22, 613–620. <https://doi.org/10.1007/s00737-018-0921-3>
- Bates, B., & Dozier, M. (1998). “This Is My Baby Interview” and coding manual. Manuscrito não publicado. Universidade de Delaware.
- Berlin, L. J., Whiteside-Mansell, L., Roggman, L. A., Green, B. L., Robinson, J., & Spieker, S. (2011). Testing maternal depression and attachment style as moderators of early head start's effects on parenting. *Attachment & Human Development*, 13(1), 49-67.  
<http://dx.doi.org/10.1080/14616734.2010.488122>
- Bert, S. C., Guner, B. M., Lanzi, R. G., & Centers for Prevention of Child Neglect. (2009). The influence of maternal history of abuse on parenting knowledge and behavior. *Family Relations* 58(2), 176-187. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2008.00545.x>

- Biringen, Z., Brown, D., Donaldson, L., Green, S., Krcmarik, S., & Lovas, G. (2000). Adult attachment interview: Linkages with dimensions of emotional availability for mothers and their pre-kindergarteners. *Attachment & Human Development, 2*(2), 188-202. <https://doi.org/10.1080/14616730050085554>
- Borelli, J. L., Burkhart, M. L., Rasmussen, H. E., Brody, R., & Sbarra, D. A. (2017). Secure base script content explains the association between attachment avoidance and emotion related constructs in parents of young children. *Infant Mental Health Journal, 38*(2), 210- 225. <https://doi.org/10.1002/imhj.21632>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation, anxiety and anger*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). Caring for children. In J. Bowlby (Ed.), *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development* (pp 1-19). Basic Books.
- Bretherton, I. (1990). Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal, 11*(3), 237-252. [https://doi.org/10.1002/1097-0355\(199023\)11:33.0.CO;2-X](https://doi.org/10.1002/1097-0355(199023)11:33.0.CO;2-X)
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28*(5), 759-775. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 102-127). The Guilford Press.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2016). The internal working model construct in light of contemporary neuroimaging research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (3<sup>rd</sup> ed., pp. 63-88). The Guilford Press.



- Carrolino, A., & Baptista, J. (2021). *Me & My Child: The Parental Acceptance-Rejection Scale*.  
Manuscrito não publicado. Iscte-IUL.
- Clemmons, J. C., Walsh, K., DiLillo, D., & Messman-Moore, T. L. (2007). Unique and combined contributions of multiple child abuse types and abuse severity to adult trauma symptomatology. *Child Maltreatment, 12*(2), 172-181. <https://doi.org/10.1177/1077559506298248>
- Collishaw, S., Pickles, A., Messer, J., Rutter, M., Shearer, C., & Maughan, B. (2007). Resilience to adult psychopathology following childhood maltreatment: Evidence from a community sample. *Child Abuse & Neglect, 31*(3), 211-229. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2007.02.004>
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family, 72*(3), 685-704. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00725.x>
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., Pruett, M. K., & Pruett, K. (2019). Fathers' and mothers' attachment styles, couple conflict, parenting quality, and children's behavior problems: An intervention test of mediation. *Attachment & Human Development, 21*(5), 532-550. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1582600>
- Crowell, J. A., & Feldman, S. S. (1988). Mothers' internal models of relationships and children's behavioral and developmental status: A study of mother-child interaction. *Child Development, 59*(5), 1273-1285. <https://doi.org/10.2307/1130490>
- Emmen, R. G., Malda, M., Mesman, J., van IJzendoorn, M. H., Prevoe, M. H., & Yeniad, N. (2013). Socioeconomic status and parenting in ethnic minority families: Testing a minority family stress model. *Journal of Family Psychology, 27*(6), 896-904. <https://doi.org/10.1037/a0034693>
- English, D. J., Graham, J. C., Litrownik, A. J., Everson, M., & Bangdiwala, S. (2005). Defining maltreatment chronicity: Are there differences in child outcomes? *Child Abuse & Neglect, 29*(5), 575-595. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.08.009>

- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, *80*(6), 972-994. <http://dx.doi.org/10.1037//0022-3514.80.6.972>
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships – relationship structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, *23*(3), 615-625. <https://doi.org/10.1037/a0022898>
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *Adult attachment interview*. Manuscrito não publicado. Universidade da California.
- Goldberg, S., Benoit, D., Blokland, K., & Madigan, S. (2003). Atypical maternal behavior, maternal representations, and infant disorganized attachment. *Development and Psychopathology*, *15*(2), 239-257. <https://doi.org/10.1017/S0954579403000130>
- Gonzales, N. A., Coxe, S., Roosa, M. W., White, R. M. B., Knight, G. P., Zeiders, K. H., & Saenz, D. (2011). Economic hardship, neighborhood context, and parenting: Prospective effects on mexican-american adolescent's mental health. *American Journal of Community Psychology*, *47*, 98-113. <https://doi.org/10.1007/s10464-010-9366-1>
- Guyon-Harris, K. L., Madigan, S., Bronfman, E., Romero, E., & Huth-Bocks, A. C. (2020). Prenatal identification of risk for later disrupted parenting behavior using latent profiles of childhood maltreatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–24. <https://doi.org/10.1177/0886260520906175>
- Hardaway, C. R., & Cornelius, M. D. (2014). Economic hardship and adolescent problem drinking: Family processes as mediating influences. *Journal of Youth and Adolescence*, *43*(7), 1191-1202. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0063-x>
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (3<sup>a</sup> ed., 2, pp. 421-447). Routledge.

- Huth-Bocks, A. C., Muzik, M., Beeghly, M., Earls, L., & Stacks A. M. (2014). Secure base scripts are associated with maternal parenting behavior across contexts and reflective functioning among trauma-exposed mothers. *Attachment & Human Development, 16*(6), 535-556. <https://doi.org/10.1080/14616734.2014.967787>
- Ildiz, G., & Ayhan, A. (2020). A study of predictive role of parental acceptance rejection perceived by children on secure attachment level. *Current Psychology, 41*, 3741-3750. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00897-9>
- Jackson, Y., Gabrielli, J., Fleming, K., Tunno, A. M., & Makanui, P. K. (2014). Untangling the relative contribution of maltreatment severity and frequency to type of behavioral outcome in foster youth. *Child Abuse & Neglect, 38*(7), 1147-1159. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.01.008>
- Jacobvitz, D., Leon, K., & Hazen, N. (2006). Does expectant mothers' unresolved trauma predict frightened/frightening maternal behavior? Risk and protective factors. *Development and Psychopathology, 18*(2), 363-379. <https://doi.org/10.1017/S0954579406060196>
- Jeon, S., & Nepl, T. K. (2019). Economic pressure, parent positivity, positive parenting, and child social competence. *Journal of Child and Family Studies, 28*, 1402-1412. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01372-1>
- Jones, J. D., Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2015). Parents' self-reported attachment styles: A review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and Social Psychology Review, 19*(1), 44–76. <https://doi.org/10.1177/1088868314541858>
- Kaplow, J. B., & Widom, C. S. (2007). Age of onset of child maltreatment predicts long-term mental health outcomes. *Journal of Abnormal Psychology, 116*(1), 176– 187. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.1.176>
- Keiley, M. K., Howe, T. R., Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (2001). The timing of child physical maltreatment. A cross-domain growth analysis of impact on adolescent externalising

and internalising problems. *Development and Psychopathology*, 13(4), 891– 912.  
<https://doi.org/10.1017/S0954579401004084>

Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2012). Transnational relations between perceived parental acceptance and personality dispositions of children and adults: A meta-analytic review. *Personality and Social Psychology Review*, 16(2), 103-115. <https://doi.org/10.1177/1088868311418986>

Kilmann, P. R., Vendemia, J. M. C., Parnell, M. M., & Urbaniak, G. C. (2009). Parent characteristics linked with daughters' attachment styles. *Adolescence*, 44(175), 557-568.

Landers-Potts, M. A., Wickrama, K. A. S., Simons, L. G., Cutrona, C., Gibbons, F. X., Simons, R. L., & Conger, R. (2015). An extension and moderational analysis of the stress model focusing on african american adolescents. *Family Relations*, 64(2), 233-248.  
<https://doi.org/10.1111/fare.12117>

Leinonen, J. A., Solantaus, T. S., & Punamaki, R. (2003). Social support and the quality of parenting under economic pressure and workload in Finland: The role of family structure and parental gender. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 409-418. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.17.3.409>

Lyons-Ruth, K., Bronfman, E., & Parsons, E. (1999). Maternal frightened, frightening, or atypical behavior and disorganized infant attachment patterns. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 64(3), 67-96. <https://doi.org/10.1111/1540-5834.00034>

Madigan, S., Moran, G., & Pederson, D. R. (2006). Unresolved states of mind, disorganized attachment relationships, and disrupted interactions of adolescent mothers and their infants. *Developmental Psychology*, 42(2), 293–304. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.2.293>

Madigan, S., Moran, G., Schuengel, C., Pederson, D. R., & Otten, R. (2007). Unresolved maternal attachment representations, disrupted maternal behavior and disorganized attachment in infancy: Links to toddler behavior problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(10), 1042-1050. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01805.x>

- Manly, J. T., Kim, J. E., Rogosch, F. A., & Cicchetti, D. (2001). Dimensions of child maltreatment and children's adjustment: Contributions of developmental timing and subtype. *Development and Psychopathology, 13*(4), 759–782. <https://doi.org/10.1017/s0954579401004023>
- Mascaro, J., Rentscher, K., Hackett, P., Mehl, M., & Rilling, J. (2017). Child gender influences paternal behavior, language, and brain function. *Behavioral Neuroscience, 131*(3), 262-273. <https://doi.org/10.1037/bne0000199>
- McCullough, C., Harding, H. G., Shaffer, A., Han, R. Z., & Bright, M. (2014). Intergenerational continuity of risky parenting: A person-oriented approach to assessing parenting behavior. *Journal of Family Violence, 29*, 409-418. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9593-6>
- McFarland-Piazza, L., Hazen, N., Jacobvitz, D. & Boyd-Soisson, E. (2012). The development of father-child attachment: Associations between adult attachment representations, recollections of childhood experiences and caregiving. *Early Child Development and Care, 182*(6), 701-721. <http://dx.doi.org/10.1080/03004430.2011.573071>
- Mills-Koonce, W. R., Appleyard, K., Barnett, M., Deng, M., Putallaz, M., & Cox, M. (2011). Adult attachment style and stress as risk factors for early maternal sensitivity and negativity. *Infant Mental Health Journal, 32*(3), 277-285. <https://doi.org/10.1002/imhj.20296>
- Miranda, J. K., de la Osa, N., Granero, R., & Ezpeleta, L. (2013). Multiple mediators of the relationships among maternal childhood abuse, intimate partner violence, and offspring psychopathology. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(4), 2941-2965. <https://doi.org/10.1177/0886260513488686>
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the portuguese version of the experiences in close relationships – Relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 97*(1), 22-30. <https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377>

- Negrão, M., Pereira, M., Soares, I., & Mesman, J. (2013). Enhancing positive parent-child interactions and family functioning in a poverty sample: A randomized control trial. *Attachment & Human Development, 16*(4), 315-328. <https://doi.org/10.1080/14616734.2014.912485>
- Neppl, T. K., Senia, J. M., & Donnellan, M. B. (2016). Effects of economic hardship: Testing the family stress model over time. *Journal of Family Psychology, 30*(1), 12-21. <https://doi.org/10.1037/fam0000168>
- Newcomb, M. D., & Locke, T. F. (2001). Intergenerational cycle of maltreatment: A popular concept obscured by methodological limitations. *Child Abuse & Neglect, 25*(9), 1219-1240. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(01\)00267-8](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(01)00267-8)
- Newland, R. P., Crnic, K. A., Cox, M. J., & Mills-Koonce, W. R. (2013). The family model stress and maternal psychological symptoms: Mediated pathways from economic hardship to parenting. *Journal of Family Psychology, 27*(1), 96-105. <https://doi.org/10.1037/a0031112>
- Nievar, M. A., Moske, A. K., Johnson, D. J., & Chen, Q. (2014). Parenting practices in preschool leading to later cognitive competence: A family stress model. *Early Education and Development, 25*(3), 318-337. <https://doi.org/10.1080/10409289.2013.788426>
- Oyen, A., Landy, S., & Hillburn-Cobb, C. (2000). Maternal attachment and sensitivity in an at risk sample. *Attachment & Human Development, 2*(2), 203-217. <https://doi.org/10.1080/14616730050085563>
- Paetzold, R. L., Rholes, W. S., & Kohn, J. L. (2015). Disorganized attachment in adulthood: Theory, measurement, and implications for romantic relationships. *Review of General Psychology, 19*(2), 146-156. <http://dx.doi.org/10.1037/gpr0000042>
- Ponnet, K. (2014). Financial stress, parent functioning and adolescent problem behavior: An actor-partner interdependence approach to family stress processes in low, middle, and high-income families. *Journal of Youth and Adolescence, 43*(10), 1752-1769. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0159-y>

- Ramirez-Uclés, I., González-Calderón, M. J., del Barrio-Gándara, V., & Carrasco, M. Á. (2018). Perceived parental acceptance-rejection and children's psychological adjustment: The moderating effects of sex and age. *Journal of Child and Family Studies*, 27, 1336- 1348. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0975-2>
- Rholes, W., Simpson, J. A., & Blakely, B. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2, 35-54. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x>
- Roubinov, D., & Boyce, W. (2017). Parenting and SES: Relative values or enduring principles?. *Current Opinion in Psychology*, 15, 162-167. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.001>
- Rohner, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2012). Introduction to parental acceptance rejection theory, methods, evidence, and implications. *Journal of Family Theory & Review*, 2(1), 73-87.
- Schofield, T. J., Lee, R. D., & Merrick, M. T. (2013). Safe, stable, nurturing relationships as a moderator of intergenerational continuity of child maltreatment: A meta-analysis. *Journal of Adolescent Health*, 53(4), S32-S38. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.05.004>
- Selcuk, E., Gunaydin, G., Sumer, N., Harma, M., Salman, S., Hazan, C., Dogruyol, B., & Ozturk, A. (2010). Self-reported romantic attachment style predicts everyday maternal caregiving behavior at home. *Journal of Research in Personality*, 44, 544-549. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2010.05.007>
- Shlomo, S. B., & Haim, S. B. (2016). Past experience with maternal parenting among mothers of pre-school children and maternal acceptance-rejection: The moderating role of the caregiving system. *British Journal of Social Work*, 47(5), 1464-1481. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcw092>
- Sullivan, A. D. W., Forehand, R., Vreeland, A., & Compas, B. E. (2021). Does parenting explain the link between cumulative SES risk and child problems in the context of parental depression? *Child Psychiatry & Human Development*. <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01130-9>

- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the adult attachment interview. *Psychological Bulletin*, *117*(3), 387–403. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.387>
- Vreeland, A., Gruhn, M. A., Watson, K. H., Bettis, A. H., Compas, B. E., Forehand, R., & Sullivan, A. D. (2019). Parenting in context: Associations of parental depression and socioeconomic factors with parenting behaviors. *Journal of Child and Family Studies*, *28*, 1124-1133. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01338-3>
- Ward, M. J., & Carlson, E. A. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant-mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development*, *66*(1), 69-79. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1995.tb00856.x>
- Waylen, A., & Stewart-Brown, S. (2010). Factors influencing parenting in early childhood: A prospective longitudinal study focusing on change. *Child: Care, Health and Development*, *36*(2), 198-207. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2009.01037.x>
- World Health Organization. (2012). *Adverse childhood experiences international questionnaire (ACE-IQ) – rationale for ACE-IQ*. [https://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/activities/adverse\\_childhood\\_experiences/questionnaire.pdf](https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/activities/adverse_childhood_experiences/questionnaire.pdf)
- Zalewski, M., Cyranowski, J. M., Cheng, Y., & Swartz, H. A. (2013). Role of maternal childhood trauma on parenting among depressed mothers of psychiatrically ill children. *Depression and Anxiety*, *30*(9), 792-799. <https://doi.org/10.1002/da.22116>
- Zvara, B. J., Lathren, C., Mills-Koonce, R., & The Family Life Project Key Contributors. (2020). Maternal and paternal attachment style and chaos as risk factors for parenting behavior. *Family Relations*, *69*(2), 233-246. <https://doi.org/10.1111/fare.12423>